

Aula 20

A LÍNGUA LITERÁRIA DO SÉCULO XX E A CONSTITUIÇÃO DA NORMA LINGÜÍSTICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

META

Apresentar as características da língua literária no modernismo brasileiro.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
estabelecer o quadro histórico que antecede o movimento modernista brasileiro;
traçar uma panorama das tendências lingüísticas do português do Brasil a partir da tomada
de posição de escritores poetas e ficcionistas que imprimem novos valores à variante
lingüística brasileira.

PRÉ-REQUISITOS

A aula número 19 (aula anterior) – Antecedentes históricos do modernismo brasileiro e a
língua portuguesa.

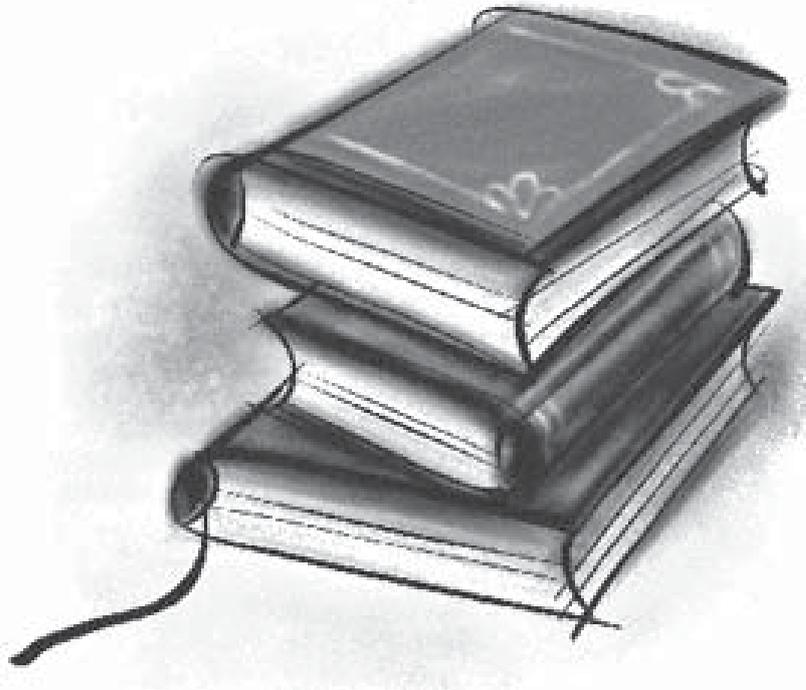
Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Acompanhamos, nas duas últimas aulas (18 e 19), posições polêmicas sobre a língua portuguesa no Brasil. Até a terça parte do século XIX, domina a questão da língua brasileira, permeada, por um lado, pela ideologia nacionalista, e, por outro, por gestos emocionais e apaixonados, resultando, no último quartel do século, em um movimento purista que aprisiona a língua nos mais rígidos modelos gramático-normativos da história de nossa língua.

Ver glossário no final da Aula

A dicotomia purismo/**laxismo**, de certa forma, se estabelece em relação à língua portuguesa falada no Brasil até o advento do Romantismo e a eclosão romântica da polêmica questão da língua brasileira, sustentada pelos mais expressivos escritores da literatura de então, e, com certa variação, chega ao final do século XIX, sem muito fôlego, no entanto, deixa vislumbrar um retrocesso que, de fato, vem à tona na virada desse mesmo século. Esse quadro de substituição de postura instala, em termos lingüísticos, a dicotomia tradição/rebeldia que vai repetir-se após as duas primeiras décadas do século XX, com posições radicais sobre as duas variedades do português (a lusitana e a brasileira) levantada, a essa altura, sob o signo do modernismo no Brasil. É nesse clima de crise entre conservação e inovação que tem lugar a formação de nossa língua literária.



Livros (Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

MODERNISMO BRASILEIRO

De início, convém explicitar o que devemos entender, nes-ta aula, por língua literária, a fim de articulá-la com o projeto renovador lingüístico-cultural e estético-literário de nossos idealizadores do modernismo de 1922.

Não existe uma definição exemplar, fechada do que seja a língua literária, enquanto fenômeno lingüístico distinto, isolado das outras manifestações da língua numa sociedade dada. No entanto, pode-se dizer que a língua literária é uma forma de expressão lingüística, essencialmente escrita (mas não limitada apenas à escrita), que se assenta na tradição de uso escrito da língua, com finalidades estéticas, isto é, um resíduo, uma resultante de todos os estilos acumulados através das sucessivas gerações; é ainda o conjunto de elementos literários que a comunidade lingüística assimilou e que formam parte do fundo comum (da língua comum), mas permanece diferenciado da língua espontânea, falada, cotidiana, embora nela se espelhe, se alimente e se renove. A língua literária tem seu vocabulário (seu léxico) específico, vive mais do passado, portanto, é naturalmente mais conservadora e arcaizante.

O movimento modernista de 1922 tornou-se símbolo de ruptura com toda a situação sócio-cultural e lingüística do passado, não só colonial, mas também imperial e republicano até então. Essa ruptura já vinha sendo anunciada, tentada, como vimos, há muito tempo, mais concretamente a partir do movimento romântico, já exposto em aulas anteriores. Tratava-se, contudo, de esparsas manifestações de oposição à hegemonia do tradicionalismo traduzida na preferência por temas literários tidos como inspiração nacional que se fazia acompanhar de uma certa desobediência a uma orientação gramatical ortodoxa e distante da realidade lingüística brasileira.

Essa tentativa ultrapassa a esfera do Romantismo tanto que ecoa em Machado de Assis, já em pleno Realismo, quando ele adverte, com bom senso, os jovens escritores de sua geração:

“Esta outra independência (a primeira é a Independência política de 1822) não tem Sete de Setembro nem campo do Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração, nem duas; muitos trabalharão para ela até perfazê-la de todo”.

Machado de Assis não se traiu, não se deixou arrastar pela onda de purismo que varria a sua época. Foi coerente na prática com o que pensava e com o que defendia, elaborou uma obra que é modelo de autenticidade literária. Na trilha de superar o convencional, encontram-se **Lima Barreto** e **Monteiro Lobato** – escritores que emergem no cenário da literatura nacional na indivisa fase do pré-modernismo, mas integrantes da história do modernismo brasileiro. O próprio Lima Barreto denunciou, em seus

Ver glossário no final da Aula

romances e contos, muitos dos desencontros e dos desconcertos de nossa organização social e de nossa subserviência lingüística. A propósito disso, na sua crítica irônica, percebeu que o ideal lingüístico em voga era tão alienante quanto o convencionalismo da literatura brasileira de seu tempo.

Em outro momento, Lima Barreto aponta, como se referisse a uma luz no fim do túnel, à originalidade de Monteiro Lobato, à simplicidade de sua linguagem, em total desacordo com os padrões lingüísticos oficiais. Não importa aqui se essa simplicidade acontecia por ignorância ou por convicção do autor, o importante é que Lobato insere, sem máscara, a realidade brasileira (realidade social e lingüística) no texto literário.

Com o modernismo de 1922, intensifica-se a “incorporação do nacional”, na temática e na linguagem literária. Aos poucos, começa a superação da norma lingüística Lisboa-Coimbra, pois as aspirações renovadoras se radicalizam, conduzindo a linguagem do cimo do que se pode chamar de estilo ruibarbosiano para o chão, para o solo do uso coloquial. Vejamos, agora, um exemplo do salto entre os dois níveis de linguagem literária:

“Plangei, sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ânsias vis e de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsicoses!

(Olavo Bilac)

“Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, - pela minha irmã!
Sino da Paixão, - pela minha mãe!
Sino do Bomfim, que vai ser de mim?...

(Manuel Bandeira)

Os dois fragmentos poéticos mostram sobejamente os diferentes projetos lingüísticos em confronto: o parnasiano e o modernista, respectivamente. A irreverência lingüística do modernista segue ganhando espaço no contexto da literatura modernista. Vejamos ainda o poema Os Sapos, de Bandeira, na mesma linha de contestação de uma linguagem literária fora do contexto social brasileiro de então:

“Enfumando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Barra o sapo-boi:
-”Meu pai foi à guerra!”
- “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano, aguado.
Diz: - “Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saparia
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...

Urra o sapo-boi:
- “Meu pai foi rei” – “Foi!”
- “Não foi!” – “Foi!” – “Não Foi!”.

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- “A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo.”

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
-”Sei!” – “Não sabe!” – “Sabe!”.
Longe dessa grita
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...



Manuel Bandeira (Fonte: <http://www.geocities.com>).

Podemos verificar a distância que cada nível de linguagem guarda em relação à fala coloquial. O poema de Manuel Bandeira traz uma aproximação inconfundível com o que cotidianamente ouvimos na fala do povo brasileiro.

Essa força de expressão que marca a euforia da fase modernista denominada de “fase heróica” se materializa em outros autores para de Manuel Bandeira, poeta que também se encarregou de elaborar um “poema-poético” pleno de crítica e de ironia à norma literária portuguesa e a seus adeptos. Vejamos:

POÉTICA

“Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor

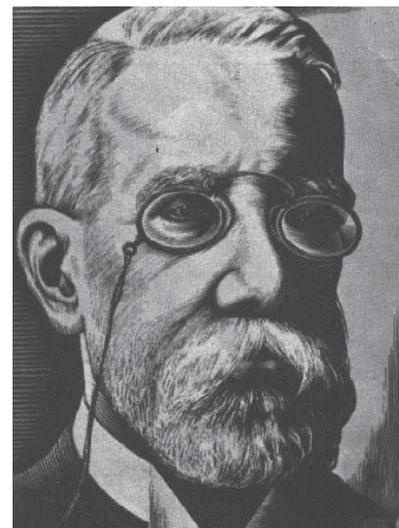
ABAIXO OS PURISTAS

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do
amante exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare



Machado de Assis (Fontes: <http://www.geocities.com>).

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

No entanto, a partir de 1930, os ânimos se acalmam, ajustam-se, em função de consolidar o projeto renovador da literatura e da linguagem modernista. A força verbal renovadora toma ciência de que o caminho a percorrer, como sentenciou Machado de Assis, não pode alimentar-se de referências pitorescas nem se assentar nas camadas superficiais da crítica ou de uma reforma da linguagem.

É preciso calma, ordem, consciência e trabalho nessa descida de tom ou de tons lingüísticos e literários. Com o tempo, as experiências lingüísticas foram moldando um padrão literário já com o nosso jeito. Poetas e prosadores se voltam para a realidade social das diversas regiões do Brasil e tudo fazem para incorporar o coloquial nos seus textos literários.

Na atualidade, do ponto de vista do que se convencionou chamar de “norma culta”, segundo os preceitos gramaticais, as tendências modernistas se encontram devidamente pesquisadas e analisadas por vários estudiosos, entre eles, Luís Carlos Lessa, para quem três são as tendências principais: a) incorporação à língua literária dos desvios sintáticos do português falado no Brasil; b) maior aproximação entre a língua falada e a língua escrita; c) oposição sistemática ao purismo.

CONCLUSÃO

Como vimos, a formação da língua literária no Brasil contou com momentos históricos decisivos, espalhados num longo trajeto de mais de cem anos (1822 – 1922 e seus desdobramentos).

Na fase modernista, após os excessos demolidores da tradição vernaculista ou vernaculizante, isto é, após a fase heróica de nosso modernismo, atingimos a construção de uma língua literária que tem base na realidade lingüística nacional. Seu critério de correção idiomática é a adequação do falante ao contexto social em que ele se insere ou vive. É o que encontramos em poetas como Carlos Drummond de Andrade ou em romances do Nordeste ou ainda na experiência ficcional, estilística, de João Guimarães Rosa.



Modernismo (Fonte: <http://images.google.com.br>).



RESUMO

A luta por uma língua literária autenticamente brasileira surge com o advento do Romantismo no Brasil, quando se passa a defender que “uma idéia nova pede um novo termo”. Esse lema se desdobra em várias posições reativas à norma lingüístico-literária em vigor na época. Aliado ao fervor da Independência política, instala-se uma defesa intransigente de liberdade cultural e lingüística que atravessa quase todo o século XIX.

No último quartel do século XIX, a euforia romântica cede lugar a toda uma reação purista que se faz representar na linguagem dos poetas da fase

parnasiana de nossa literatura. Foi preciso aguardar a contestação da vanguarda literária européia e a sua repercussão no Brasil para que renascesse a luta pela independência lingüística e literária soterrada pelo movimento vernaculizante dos poetas parnasianos.

O modernismo de 1922, com sua força revolucionária e renovadora da cultura e da língua nacional, retoma a questão da legitimidade da variante portuguesa falada no Brasil e produz uma literatura que consolida essa variante como língua literária do Brasil.



ATIVIDADES

1. A partir do texto desta aula, que diferença pode apontar entre a defesa romântica e a defesa modernista de uma língua portuguesa no Brasil? Pesquise também na bibliografia indicada para esta aula.
2. Leia, com muita atenção, os dois poemas citados nesta aula, do poeta Manuel Bandeira, e procure extrair as referências mais fortes e críticas em relação ao purismo lingüístico e a subserviência a modelos tradicionais da literatura que se fazia até então no Brasil.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As atividades propostas requerem não só uma leitura atenta do texto desta aula, mas uma consulta cuidadosamente a obras indicadas na bibliografia sobre a questão da língua portuguesa falada no Brasil, nomeadamente as fases do pré-modernismo e do modernismo. Os poetas e escritores em geral, que imaginaram a Semana de Arte Moderna de 1922, deixaram seus depoimentos em manifestos e outros textos literários como testemunho de seu pensamento sobre a cultura lingüística e literária que deveria ser defendida por todos que pregaram uma renovação na concepção de arte e das letras.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed., 1970.
- BARBADINHO NETO, Raimundo. **Tendências e constâncias da língua do modernismo**. Rio: Liv. Acadêmica, 1972.
- CÂNDIDO, Antônio. CASTELLO, J., Aderaldo. **Presença da literatura brasileira III – Modernismo**. São Paulo: DIFEL, 1972.

CÂMARA Jr. J., Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Liv. Padrão Ed., 1975.

_____. **História da Lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1979.

HOUAISS, Antônio. **O Português do Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985.

LESSA, Luiz Carlos. **O modernismo brasileiro e a língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FGV, 1966.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **História da língua portuguesa – Vol. V**. São Paulo: Ática, 1988.

PINTO, Edith Pimentel. **O português do Brasil: textos críticos e teóricos**. Vols. I e II. 1820 a 1945. São Paulo: LTC. Edusp, 1978.

_____. **História da língua portuguesa – século XX**. Vol. V. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença-MEC, 1976.

GLÓSSARIO

Laxismo: Em termos lingüísticos, significa tendência ou atitude que consiste em relaxar ou limitar o uso/emprego de normas gramaticais.



Lima Barreto: Afonso Henriques de (1881-1922) – romancista brasileiro, autor de uma vasta obra de ficção literária. Entre as mais célebres, destacam-se: “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” e “Triste Fim de Policarpo Quaresma”. Pertence à lista de romancistas urbanos e psicológicos e enquadra-se no âmbito do pré-modernismo.

A sua linguagem foi considerada, na época, descuidada, no entanto, já era um prenúncio de contextualização de temas e personagens socialmente concebidos.



Monteiro Lobato: (1882-1948) – Tido como uma dos escritores mais populares do Brasil. Traz para a sua obra de ficção tipos humanos como o Jeca Tatu, portador de hábitos sociais e nível de linguagem compatíveis com o contexto rural em que se encontra inserido. Lobato é um autor de grande relevo para a literatura infanto-juvenil e

se enquadra no contexto do pré-modernismo.

